

ORGÃO DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA

N.º 130 — 19 de Abril de 1961 — (AVENÇA)



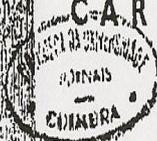
DIRECTOR E EDITOR

CARLOS M. CANDAL

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

PALÁCIO DOS GRILOS

Composto e impresso na «GRÁFICA DE COIMBRA»



## Carta a uma jovem portuguesa

Vou escrever para ti, jovem portuguesa e particularmente para ti, jovem estudante da nossa cidade. Não tenho a fazer a apologia de qualquer ideal; ensinar-te qualquer doutrina, defender fanaticamente uma moral, impôr-me ou seduzir-te. Não sou guia nem observador junto duma juventude. Sou um jovem que vive dentro duma realidade juvenil, a quer compreender e a quer ver afirmar-se. Por essa afirmação eu quero combater. A minha realidade é igual à tua. Somos jovens. A minha liberdade não é igual à tua. Separa-nos um muro, alto e espesso, que nem tu nem eu construímos. A nós rapazes, de viver do lado de cá, onde temos uma ordem social que em relação a vós nos favorece. Para vós, raparigas, o lado de lá desse muro; o mundo inquietante da sombra e da repressão mental. Do estatismo e da imanência.

Só nos é permitido atravessar o muro para escolhermos. E eu escolho-te a ti jovem portuguesa. Tu que estás submissa e passiva no canto onde te procuro. Tu que tens os olhos azuis ou negros. Como saber? Tu vens cega e só porque sa-

bes que tens de vir. Tu que coras e me desconheces. Que tremes e que sorris. Tu para quem eu sou só a presença perturbante de um dos que estão no mundo do lado de lá. Tu que vens abúlica e absorvente para eu moldar; que esperas que eu diga para dizeres; que ingenuamente finges, porque te ensinaram que a verdade é mentir. Tu para quem o amor é passividade, dever e obrigação. Tu vítima de todos nós e de ti mesmo. Tu vítima do nosso desejo não concretizado e portanto falseado e iludido. Tu que esperas dentro duma serenidade confusa e depois diante de mim desconfias, te inquietas e mentes. Tu que eu não quero escolher mas tenho de querer escolher. Tu. Jovem portuguesa.

Escolhi-te e tu vens então comigo. Estás no caminho comigo. Olham-te demais e há um passado demasiado pesado para poderes estar nele livre e serenamente. Tens a necessidade íntima duma segurança. E ela só vem com a permanência, com a persistência; com a rotina formal; com um ritmo marcado e aceite que não podes que-

(Continua na 4.ª página)

# Carta a uma jovem portuguesa

(Continuado da 1.ª página)

brar. Para ti o conhecimento não vem com um impulso, com um encontro que surge numa actividade em conjunto e não é forçado, não é aventureiro nem destruidor. No entanto resistes porque estás num mundo que te impõe como regra moral uma resistência. Tens a inconsciente e mal definida sensação de que há um sistema social mais forte que tu ou eu e no qual nos devemos integrar, sob pena de ficarmos sós e desamparados. Há um determinismo social que te oprime e te define. Debatestes-te no mundo, ao mesmo tempo confuso e realista dos oprimidos; dos escravos que não se unem, mas fazem um par com o senhor.

Eu dou-te a mão no nosso caminho. Para ti, o dar a mão, é um acto estabelecido como acto primeiro duma cadeia que se sucederá. Beijas-me e sofres. Dizes: «Não o devia ter feito», porque julgas que o devias ter pensado. Vives no conflito de livremente me queeres e de intimamente me desconheces e por vezes detestares. Eu sou o senhor a quem obrigatoriamente tens de te ligar para vives na consideração e na segurança sociais. Sabes que a tua liberdade só poderá vir depois de mim. O teu corpo exige-me e repete-me surpresa porque me desconheces. Sou aquele que traz a segurança e a satisfação, pelo menos formal, e aquele que não conseqües decifrar; um inimigo que não te compreende e só te deseja. Sou afinal para ti o homem. Sou-te imposto, e embora desejado, não sou livremente aceite por ti. Fui-te apresentado durante anos como um príncipe encantado, mas sou na realidade o resultado duma necessidade social.

Segues no caminho e quando te beijo e abraço tens de fazê-lo na sombra, na mentira e no recalamento. Tenho de estender-te os braços onde não nos vejamos e não nos espium. Queremos amar-nos e conhecer-nos e não podemos. Há aqueles que não se amam e não querem que se ame. Os que vivem de mentiras e de regras morais que falseiam. Aqueles que com um fanatismo desumano nos querem negar e afastar. Os que negam o amor como uma verdade, o impulso do jovem e da jovem como o laço mais humano da ligação de dois seres que integram a sua relação livremente aceite na colectividade onde vivem e trabalham. Sim, aqueles, que de má fé, negam os que autónoma e independentemente assumem a responsabilidade de serem livres mesmo unidos.

Permite-me agora um aparte acerca do local onde te conheci. Numa das nossas «festas». As grandes «festas» em que o véu cai. É na grande e disfarçada orgia mentirosa mesmo quando livremente nos encontramos. Há as grandes salas e as grandes ruas, as luzes intensas e as luzes veladas. Há o suor e a realidade duma juventude oprimida e cala que quando fala, grita e insulta, e bárbara e ocultamente se procura e se encontra. E só sabe que tem nesse encontro a ocasião de ser realmente jovem e não saber ser jovem. Viver dentro da juventude não se ensina, aprende-se vivendo. E a jovem e o jovem portugueses não vivem dentro dela.

Tiraram-te a mordada e a venda porque a sociedade permite e define os momentos em que se retiraram as mordadas e as vendas. Mas tu não sabes ver nem dizer. Sabes só que estás diante de mim.

Dizem que sim os teus olhos, a tua boca, o teu corpo. Mas não sabes como realizar esse sim num só encontro quando estás marcada por um passado. E tudo é vulgar, e tudo é desumano. Queremo-

nos e não sabemos como nos que- rer. Eu digo-te mas desejo-te demais e longamente te esperava para te poder agora dizer. Tu pensas que nada há a dizer se não calarmos ou mentirmos. Para ti tudo estava marcado assim antes de nós.

Na «festa» que tinha de ser «festa» por estar assim determinado. Veio o teu impulso para mim e o meu impulso para ti — que interessava se eram ou não verdadeiros? Eles estavam certos pois tinham acontecido nessa altura.

E quando de novo nos encontramos sabíamos que tínhamos mentido e vem de novo um mundo que nos olha e nos critica, vem de novo a venda e a mordada, o domínio da persistência e do tempo outra vez. Vem o ritmo dos dias e dos encontros.

Vem a espera e a rotina. Assim serão marcados os dias, os passos a dar, a conquista e a consumação. Só o tempo pode dar uma certeza e uma segurança. A «festa» findou. Tu estás só novamente. És um ser que é aliciado, mas tem de resistir. Fazes pagar essa servidão.

E assim com centenas de jovens cumpres o mesmo horário, o mesmo método desumano que lhes foi imposto. Rapariga portuguesa! És tu que eu não procuro mas és tu que eu encontro. Tu esperas passivamente como um pántano espera. Tens só a liberdade de conquistar a segurança. Teu corpo é para ser feito do meu. Tu desejaste mas não me queeres. Para ti a situação é ao mesmo tempo confusa e real. Tudo está terminado. Tens de me querer e queeres-me.

Seguiste já no caminho comigo. Já me conheces e sabes o que eu penso. Tu evoluiu. Tu estruturaste. Mas tens o reflexo duma autonomia e não essa autonomia. As tuas afirmações são sólidas e não pensadas, são ouvidas e não provêm da acção. Tu és a jovem que ama, que repudia a moral social, que quebra as regras. Mas tu as quebras porque o rapaz a quem estimas te fez quebrá-las. Quebras por ele e não pelo livre arbítrio de rapariga independente. És livremente dependente e não livremente livre como o devias ser. Ensalas a emancipação por uma simples revolta, mas a opressão é demasiado forte para só com isso ser vencida. Defendes interesses porque amas e do que amas. A tua liberdade, mesmo dada, tem necessidade de se negar pela afirmação cega. A jovem portuguesa defende mal a liberdade a que quer chegar. Mas para se chegar à libertação é precisa a liberdade.

Tu queeres o meu corpo porque é o meu corpo, as minhas ideias porque são as ideias do jovem que estimas. O que eu penso tu defendes cegamente. A tua liberdade está em aderir à minha liberdade. E o mundo das jovens que te esperam tu o renegas pela acusação fácil. A realidade do que foste é desprezada e não ajudada na sua evolução. Há um universo donde queeres fugir e outro onde ainda não chegaste.

Enquanto o mundo do homem e o da mulher não forem um só e único mundo, deves agir fundamentalmente, pela tua condição feminina, junto das jovens que te temem e te renegam. E principalmente a mulher que deve formar as mulheres enquanto estas tiverem um muro diante de si.

Lembra-te do que eu sempre te disse: Nós dois não estamos sós. Integrados numa colectividade, só assim podemos agir para um presente real e para a construção dum futuro.

Jovem portuguesa! Dou-te a minha mão e o meu corpo. Sinto os teus dedos, o teu braço. Sinto um corpo jovem junto do meu. Mas não sou um molde; sou um jovem diferente de ti. Um rapaz para quem o amor por ti é a concretização sexual, única diferença nas relações entre o homem e a mulher que devem decorrer no mesmo plano que de homem para homem. Nós temos os dois a mesma liberdade. Foi um impulso semelhante de dois seres livres o que nos uniu.

Quero estar contigo no mesmo caminho. Quero fazer-te compreender a tua passividade e a tua dependência, mas não fazê-las trocar por outra qualquer passividade ou outra qualquer dependência. Tu escolheste-me só e escolheste-me sempre só. Mas ninguém está só numa escolha. Milhares de jovens são vítimas de criados sistemas sociais. Milhares de jovens vivem no engano e não têm capacidade livre de escolher. Pela consciência tu viste-me; verás também o mundo através dela. Sou simplesmente um ser estimado dum mundo estimável; universo de vida, de luta e de construção. As nossas relações não são acidentais, nem são forçadas, nós as escolhemos. E todos devem saber e poder escolher.

Jovem do meu país! Tu vives um sonho triste pois uma concreta realidade humanizada tu desconheces. Através de mim vais contra um mundo. Mas eu sou um protector que te surpreende e perturba. Ainda sou um senhor. Tu pedes intrinsecamente uma verdade mas a sociedade ainda é confusa e determinada. Quando a não compreendes choras ou gritas. Sonhas com uma rapariga livre e tens a inquietante sensação que isso te não é permitido por ti mesma. Continuas a pensar intimamente numa prisão gloriosamente segura. É essa a imagem que repudias, que negas para poder afastá-la.

\*

Jovem portuguesa! Um jovem te espera. Em qualquer caminho tu serás esperada e atendida. Serás activa e empreendedora. Serás autónoma e livre. Mas para isso é preciso que saibas que o não és, porque o não és, e que queiras, decidida e firmemente, sê-lo. Tens de saber porque te negam a libertação. Tens que ver no rapaz que te espera um aliado e não um inimigo a quem tens de mentir para te deixares conduzir e sentires-te segura. Tens de o aceitar pleno de defeitos, de incompreensões, brutal e sensual por vezes, mas nunca como um senhor, mas sim um resultado como tu do mesmo processo desumano de afastamento e de incompreensão.

Não deves fechar os olhos nem olhá-los nos olhos, mas sim olhar juntos o mesmo caminho. Lutarem pela libertação através duma mútua liberdade. Só através da compreensão e do conhecimento, sem mentiras, sem subterfúgios, nem truques, um par pode ser feliz e útil na renovação social de hoje. E juntos integrámo-nos no trabalho colectivo. O trabalho colectivo não é contra o amor que desperta e une os jovens. Pelo contrário; ele o unirá e os fará integrar na dinâmica do movimento estudantil e juvenil em geral; tanto do nosso como de outros países.

Hoje temos mais que nunca necessidade de ti. Necessidade de findar com a mentira e com a falsidade. Necessidade do teu despertar e do teu esclarecimento. Necessidade de nos ajudarmos mutuamente na senda duma completa humanização da sociedade.

Jovem portuguesa! Vou acabar

esta carta. Não tenho a pretensão de ter feito a dissecação psicológica dos problemas da rapariga. Num outro artigo penso analisá-los objectivamente. Mas queria escrever-te directamente porque não te conheço e tu não me conheces. Tu és a imanência carnal que os jovens insultam e desejam. Mas tens de ser no futuro a jovem ao lado do jovem. A rapariga ao lado do rapaz.

Para isso tens de trilhar os caminhos da compreensão e da aproximação e não os do afastamento desconfiado. Tens de colaborar em tudo o que os rapazes elaboram e realizam e sempre num plano de igualdade. Tens de ajudar, criticar, disparatar (porque não?). Tens de derrubar conosco o muro que nos separa. Tens de participar na mesma frente, na frente das nossas reivindicações para a construção duma melhor realidade juvenil. Tens de fugir ao isolamento e ao mundo fechado e diferente das raparigas entre si. Tens de entrar no nosso mundo errado, mas errado por tu não estares lá. O mundo que te escarnece e te insulta simplesmente por não te ter.

Só assim verdadeiramente te conhecerei. Saberei o sabor do teu corpo, a cor dos teus cabelos e dos teus olhos. Só então te poderéi amar; não na sofreguidão, na ansiedade e na mentira, mas sim à luz dum dia jovem, à luz do que nasce e floresce; dentro da colectividade estudantil.

Coimbra, Março de 1961.

A.

4 N.º 130

19 de Abril de 1961



VIA LATINA